**A FEMINIZAÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL:** análise critica sobre o mercado de trabalho para Assistentes Sociais do gênero masculino

**SILVA, Bruno Santos[[1]](#footnote-1)**

**MOURA, Jackeline Silva[[2]](#footnote-2)**

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo, discutir sobre a questão da feminização da profissão e o mercado de trabalho e por fim sobre o sexo masculino no Serviço Social. O Serviço Social é uma profissão constituída de maneira predominante por mulheres, desde sua gênese aos dias atuais. Por conseguinte, são mulheres que atuam para uma população, na qual é expressivo o seu número, logo, se deparando com conjunturas atravessadas pelas relações de gênero, ressaltando que ao abordar a mulher, se explana também sobre o homem, uma vez que não é possível discuti-los separadamente, bem como não pode desconectar a categoria gênero da dimensão da totalidade. A questão da feminização da profissão do Serviço Social encontra-se vinculada em toda sua trajetória histórica, até os dias atuais. Tal pesquisa se deu através de cunho bibliográfico e para melhor fundamentação alguns autores foram de suma importância, tais como: IAMAMOTO (2009), MONTAÑO (2003), VELOSO (2001), dentre outros.

**Palavras – chaves:** Feminização. Serviço Social. Mercado de Trabalho. Assistente Social Homem.

**INTRODUÇÃO**

O presente estudo propõe uma discussão sobre a relação da feminização com o Serviço Social no contexto do mercado de trabalho para Assistentes Sociais do sexo masculino. Desta forma, no intuído de alcançar o que propõe o estudo tem como objetivo central da pesquisa a análise da atuação dos Assistentes Sociais no mercado de trabalho com ênfase na feminização diante do seu fazer profissional.

Estudar a questão de gênero e Serviço Social e colocando a feminização da profissão como centro dessa discussão, inclusive no que diz respeito ao mercado de trabalho, se torna necessário, pois, é possível perceber uma nítida diferença em relação aos sexos que ocupam esses espaços de trabalho. Desta forma, é um tema bastante atual e que merece ser discutido tanto em terreno acadêmico quanto na sociedade em geral.

Assim, é importante destacar que o Serviço Social é uma profissão que atua nas manifestações da questão social, estando entre estas, as relações de gênero, presentes nos distintos âmbitos sociais. Em meio a essa discussão o gênero se configura como demanda para o Serviço Social, especialmente nas políticas sociais públicas, nas quais a maioria do seu público é formada por mulheres e por pessoas que são marcadas por não seguirem os padrões dos modos de ser e se comportar, estabelecidos pela sociedade. Buscando alcançar o objetivo da pesquisa realizou-se uma revisão bibliográfica em torno da temática escolhida. Com isso, este trabalho será estruturado da seguinte forma: o primeiro momento traz uma discussão uma sobre a feminização do Serviço Social e o mercado de trabalho e por fim, uma breve discussão sobre o sexo masculino no Serviço Social.

**1** **FEMINIZAÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL E O MERCADO DE TRABALHO**

Analisar a categoria de feminização aplicada à compreensão do mundo do trabalho é preciso refletir sobre as implicações cientificas e políticas desse conceito. Assim, destaca-se na literatura especializada sobre gênero dois significados diferentes para a categoria de feminização das profissões e ocupações, que se correspondem com metodologias e técnicas distintas para a coleta e análise de informação pertinente, o primeiro, refere-se ao significado quantitativo que define a feminização como o expressivo aumento relativo do sexo feminino na composição de uma profissão ou ocupação e, o qualitativo que denomina a feminização ligada as transformações de significado e valor social de uma profissão ou ocupação, originadas a partir da feminização vinculada a concepção de gênero proeminente em uma época (FORTINO, 2009)

 No dicionário Houaiss (2001) a expressão feminização corresponde: “[...] ao termo derivado de feminilidade, no sentido de destacar o sexo ou características anatômico-fisiológicas das pessoas contabilizadas na análise quantitativa da composição de uma profissão ou ocupação”. Castells (1996, p. 5) salienta que feminização é um conjunto de:

[...] transformações em um determinado tipo de ocupação, inculadas à imagem simbólica do feminino predominante na época ou na cultura especificamente analisadas. Essa imagem pode implicar uma mudança no significado da profissão. uma categoria em movimento, em processo de construção. O foco do estudo está usualmente centrado em descrever e interpretar a elevada proporção de mulheres em processos capitalistas contemporâneos.

Iamamoto e Carvalho (2008) destacam o processo de feminização da profissão, apontando a origem social da mesma, bem como os aspectos culturais e econômicos que norteiam o processo. Segundo os autores:

Aceitando a idealização de sua classe sobre a vocação natural da mulher para as tarefas educativas e caridosas, essa intervenção assumia, aos olhos dessas ativistas, a consciência do posto que cabe à mulher na preservação da ordem moral e social e o dever de tornarem-se aptas para agir de acordo com suas convicções e suas responsabilidades. Incapazes de romper com essas representações, apostolado social permite àquelas mulheres, a partir da reificação daquelas qualidades, uma participação ativa no empreendimento político e ideológico de sua classe, e da defesa faculta um sentimento de superioridade e tutela em relação ao proletariado, que legitima a intervenção (IAMAMOTO; CARVALHO, 2008, p.171).

Dessa forma, cabe destacar a predominância feminina na profissão desde as suas origens, ligada a características enraizadas culturalmente e legitimadas ao âmbito feminino, seguindo as análises de hierarquização dos papéis conservadores de gênero, e, por conseguinte, da divisão sexual do trabalho, uma vez que esta possibilita perceber as nuances da exploração capitalista, muitas vezes despercebida devido à naturalização da subalternidade das mulheres nesta sociedade. O que coloca ao Serviço Social a importância de apreender a categoria-gênero e o movimento feminista para a profissão na contemporaneidade, tendo em vista as diversas determinações que norteiam esse processo.

Tais considerações se tornam importantes a fim de analisar o Serviço Social inserido no desenvolvimento das relações sociais, das quais o gênero é parte integrante e constituinte. De antemão, destaca-se que no caso do processo de institucionalização da profissão, essa se torna uma categoria fundamental para análise, não só pela forte marca feminina que caracteriza a profissão, mas também pela relação que se estabelece no curso da história entre gênero e a questão social, que se apresenta como o fundamento central da profissão.

De fato, um dos aspectos concretos que demonstram essa teoria, é o desprestígio social, econômico e cultural, de profissões majoritariamente femininas, o que repercute diretamente nas relações e condições de trabalho destas/es profissionais, como exemplo o Serviço Social. Nesta perspectiva, cabe destacar a análise que Veloso (2001, p. 71), faz na medida em que o mesmo aponta que:

[...] o gênero não se mostra como uma categoria de grande importância para se pensar o Serviço Social apenas pelo fato de este ser uma profissão com maioria esmagadora de mulheres. O fato de o Serviço Social ser uma profissão de maioria feminina é considerado como expressão de um modelo de relações de gênero específico, de uma lógica que rege a organização da sociedade, com a inserção diferenciada de homens e mulheres em determinadas profissões. A chamada “marca feminina” da profissão não é o problema em si, mas uma das determinações mais visíveis do gênero. Poder-se-ia afirmar, inclusive, que tal “marca feminina” constitui-se uma refração de gênero. A partir dela, pode-se constatar a questão, mas ela não é, em si mesma, a questão. Pensar a profissão levando-se em conta a presença esmagadora das mulheres em seu interior é de suma importância para o entendimento do serviço social

Assim, há que se referir não à análise endógena da profissão, bem como dos sujeitos que a compõem, mas de situar essa problemática no quadro da divisão sexual do trabalho e buscar uma análise dialética de como o gênero implica no processo de precarização destas profissionais. Partindo dessas considerações, as análises de gênero não devem descrever as classificações/categorizações, mas identificar como os significados atribuídos a estas relações de gênero interfere e contribui na construção do mundo do trabalho e, em profissões como as do Serviço Social.

Conforme Verdès-Leroux (1986), a partir do aprofundamento da questão social, em consequência do processo de industrialização que tendeu a reconfigurar antigas relações em favor da produtividade industrial, surgem, por volta de 1917, os primeiros serviços de assistência social de forma institucionalizada, através da criação das superintendências voltadas, em um primeiro momento, a atender as mulheres operárias, especialmente com a preocupação moral quanto à permanência destas fora de casa.

Importante destacar que o capital torna inapto e apto o trabalho das mulheres, conforme as suas necessidades de reprodução e controle social, juntamente com as crianças foram necessárias no processo de industrialização, em função da facilidade do capital de exercer o controle sobre esses segmentos subalternizados socialmente.

De fato, as mulheres exercem uma função social essencialmente importante tanto no aspecto reprodutivo como produtivo para manutenção do sistema. Nas palavras de Moreira (2003, p. 92) a medida que a sobrevivência da força do trabalho ganha importância:

[...] e que a disputa por postos de trabalho passa a se acirrar, as mulheres são incentivadas a priorizarem o papel advindo do regime patriarcal. Isso pode também explicar a procura e presença das mulheres em profissões relacionadas às ocupações que exerciam junto à família.

O Serviço Social expressa bem esse papel, possibilitando um espaço de profissionalização para as mulheres, já que a profissão se aproxima de funções mais bem assimiladas culturalmente por elas, por estarem voltadas à reprodução da família e ao controle social. No início da institucionalização da profissão, o trabalho das assistentes sociais esteve voltado às mulheres burguesas, pelo fato destas serem consideradas mais adequadas e em condições de educar os trabalhadores, com base na perspectiva do controle social e reprodução da família. Contudo, cabe destacar o rearranjo que o capitalismo empreende no desenvolvimento da relação capital x trabalho. Portanto, a partir do Movimento de Reconceituação do Serviço Social, a profissão tem trabalhado para romper com esse estereótipo de uma profissão de mulheres para mulheres. E hoje, na contemporaneidade apesar de ainda existirem traços de feminização no Serviço Social, a profissão também é composta por Assistentes Sociais do sexo masculino que atuam em diversas áreas da profissão, e assim como as mulheres, lutam para combater a desigualdades sociais e as expressões da questão social que são tão presentes em nossa sociedade.

**2** **O SEXO MASCULINO NO SERVIÇO SOCIAL**

A presença dos homens no Serviço Social é historicamente muito pequena em termos quantitativos. Desta forma, a profissão está entre aquelas claramente identificadas como feminina. A literatura que trata sobre esta temática centra-se mais no aspecto relativo à maioria feminina do que à minoria masculina. A grande lacuna a ser estudada não se refere à explicação do porque a profissão é feminina.

No Brasil e na maioria dos países latino-americanos, o Serviço Social teve como base os princípios da doutrina social da Igreja, que imprimiram na profissão um espírito de apostolado, configurando-a como uma profissão a ser exercida por mulheres, como uma vocação, com papéis específicos definidos pela sociedade para mulheres: o cuidado, a tutela, a ajuda, que por sua vez requerem abnegação, entrega de si, ser para os outros, enfim naturalizando a responsabilidade da profissão como uma carreira destinada majoritariamente a mulheres.

A questão de ser a profissão do Serviço Social composta por mulheres encontra-se vinculada em toda a trajetória histórica desta profissão, desde as suas protoformas aos dias atuais. Contudo, a predominância do sexo feminino dentro do âmbito profissional, não é uma especificidade somente da profissão de Serviço Social que possui em seu contexto histórico essa característica, mas, esse aspecto se encontra também inserido historicamente em outras profissões, como por exemplo, no âmbito de alfaiataria, chef de cozinha, cargos de professores, vendedor, setor varejista, dentre muitos outros.

Apesar de todos os avanços e com a inserção de homens no Serviço Social, nos dias atuais a profissão ainda é dominada pelo sexo feminino, e essa dominação se dar pela trajetória do Serviço Social, como uma profissão de mulheres dóceis, solidárias e caridosas. Entre essas qualidades naturalmente atribuídas as mulheres e consideradas necessárias às pretendentes à carreira de Serviço Social, na emergência da profissão, Iamamoto (2009, p. 227) destaca:

[...] ser uma pessoa da mais íntegra formação moral, que a um sólido preparo técnico alie o desinteresse pessoal, uma grande capacidade de devotamento e sentimento de amor ao próximo; deve ser realmente solicitado pela situação penosa de seus irmãos, pelas injustiças sócias, pela ignorância, pela miséria, e a esta solicitação devem corresponder as tantas qualidades inatas [...]: devotamento, critério, senso prático, desprendimento, modéstia, simplicidade, comunicatividade, bom humor, calma, sociabilidade, trato fácil e espontâneo, saber conquistar a simpatia, saber influenciar e convencer, etc.

Por meio destas características, que eram tidas como naturalmente femininas é que o Serviço Social integrou um grande número de profissionais mulheres. Explica-se a ausência dos homens na profissão o atendimento dos assistentes sociais junto à família, mais especificamente a mulher, visto que esta era responsável pelo lar e cuidados com os filhos e o homem era responsável pelo sustento da família e o provedor do lar. Como isso, ao contrário dos homens, as mulheres intermediavam o caminho necessário para o alcance da preservação da ordem moral e social.

Desde o rompimento de ruptura com o conservadorismo no Serviço Social, tal situação tem mudado, embora não seja tão significativa para os profissionais homens. Com isso, vários autores têm trazido tal discussão e com isso, fomenta a importância de debater sobre o homem no Serviço Social. A identificação de distinções, ao contrário, pode afirmar diferenças e, principalmente, desigualdades sociais de gênero no interior da prática profissional. As produções teóricas sobre o Serviço Social embora sejam discutidas, ainda não levaram em consideração esta existência como fator relevante para o entendimento da profissão. (BROOK e DAVIS, 1985).

Nos últimos anos forma realizadas pesquisas foram realizadas no que tange ao perfil dos Assistentes Sociais, e na grande maioria uma questão primordial presente diz respeito ao perfil feminino da categoria profissional do Serviço Social. No ano de 2015 foi publicada uma pesquisa pelo Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) e assim constatou-se 91% dos Assistentes Sociais pesquisados eram do sexo feminino enquanto apenas 9% do sexo masculino. Neste sentido, a pesquisa acabou confirmado a tendência histórica da profissão, a categoria das (os) assistentes sociais, ainda é predominantemente feminina, contando com apenas 9% de homens. A região com maior percentual masculino é a Sudeste (15%) e a menor é a região Sul (1%) (CFESS, 2015).

Assim, o fato de ser a profissão predominantemente feminina, dentro da sociedade contemporânea ainda permeia a ideia de ser Serviço Social uma profissão ligada a concepção de uma formação, assim como, uma profissão eminentemente feminina, tendo em vista que no imaginário da população a mulher possui as características mais evidentes para o exercício do Serviço Social, sendo que, o Serviço Social ainda é percebido enquanto uma profissão que executa nos moldes utilizados e destacados no início da história da profissão, se tornando evidente uma ligação histórica e muito complexa para ser rompida, tendo por base os anos de existência da profissão, assim como, o seu histórico dentro da sociedade capitalista.

Para Montaño (2007, p. 100), “se o Serviço Social se constituiu num espaço de inserção social e ocupacional para as mulheres (tal como outras profissões), ele não foi suficiente para colocar a mulher numa posição de igualdade (social, ocupacional e política)”. Desta forma, segundo o autor, o Serviço Social, como profissão eminentemente feminina, tem, neste fato, o seu primeiro elemento de subalternidade, na medida em que se insere em sociedades marcadas e regidas por padrões patriarcais e machistas.

O Serviço Social não conseguiu romper com a condição de subalternidade em relação às profissões consideradas masculinas: a profissão de médico, advogado, economista, de engenheiro, etc. Neste sentido, Montaño (2007, p. 101), destaca que:

O Serviço Social não é visto, portanto, como uma profissão que toma decisões, que participa “produtivamente” na divisão do trabalho, que participa na definição dos objetivos gerais das políticas sociais ou no seu desenho com autonomia para definir os recursos a empregar, os benefícios da sua ação, que possui um conhecimento teórico-universal sobre o social (apesar de que diversos Assistentes Sociais sim atuem nestes níveis). Pelo contrário, o Serviço Social é em geral identificado, em concordância com o papel que as sociedades “patriarcais” atribuem às mulheres, como uma profissão que executa as decisões dos outros (os “políticos”) que conhece a realidade social por meio dos olhares dos outros (os “cientistas sociais”) e que assiste às populações carentes, mas como auxiliar de outros profissionais (médicos, advogados etc).

Assim, a sociedade “machista” acaba por limitar muitas vezes o que é de responsabilidade e atribuição do gênero feminino e do gênero masculino. Por conta dessa limitação conservadora realizada, o gênero feminino ainda se depara com ideários preconceituosos e que por vezes subestimam e desvalorizam a potencialidade profissional, técnica interventiva e teórico-metodológico das profissões consideradas femininas, como por exemplo, o Serviço Social.

Os estudos de gênero, e quaisquer outros das áreas sociais, devem estar rigorosamente pautados na teoria marxista, por não se voltar apenas para a apreensão, mas também para a transformação da sociedade. Assim, é preciso resistir e se contrapor as novas teorias, onde além de não analisarem corretamente as contradições fundantes da sociedade, fragmenta a realidade social, prejudicando assim a construção coletiva de uma nova ordem social, baseada em princípios de igualdade e justiça social para todos os cidadãos que vivem em uma nação (MIRALES, 2010).

Além disso, a literatura aponta para o fato de que a prática profissional do assistente social do sexo masculino ainda é muito pouca, pois no mercado de trabalho encontra-se poucos assistentes sociais homens. Na cidade de Picos/PI, essa realidade não é diferente do contexto geral, ela de fato existe, sendo outra oportunidade, a melhor maneira de aprofundar-se, e, assim, analisá-lo.

As análises teóricas feitas demonstram que a distribuição de papeis sociais aos homens e mulheres ainda permanece nas profissões, mostrando que ainda é muito difícil romper estes estigmas na sociedade, isto é, pela construção de que ele é “profissão de mulher”, por engendrar a lógica do cuidado. Além disso, o perfil feminino está presente na trajetória histórica do Serviço Social desde as suas protoformas aos dias atuais. Destarte, é preciso realizar reflexões acerca da questão da feminização profissional do Serviço Social, para assim, entender a predominância do sexo feminino na profissão.

**3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Através da pesquisa bibliográfica realizada para a construção deste artigo pode-se constatar que o Serviço Social historicamente é marcado por características femininas. Uma dessas características é a predominância do sexo feminino na profissão, reflexo das atividades direcionadas a mulher dentro da sociedade patriarcal, marcadamente ligada ao cuidado maternal e dócil. Outra característica é a predominância como maioria do sexo feminino no mercado de trabalho, destacando assim, poucos homens Assistentes Sociais no mercado de trabalho. Na trajetória histórica do Serviço Social desde as suas protoformas aos dias atuais tais marcas permaneceram cristalizadas sendo que, tal profissão acaba apropriando de características como, por exemplo, no âmbito educativo, interventivo e de proteção, tradicionalmente ligadas às mulheres.

Por mais que atualmente já haja uma significativa quantidade de homens optando por essa profissão, a feminização do Serviço Social traz consequências negativas como os preconceitos relativos ao gênero e a perpetuação da subalternização que as mulheres sofrem dentro da sociedade capitalista. Merece destaque o fato de que mesmo diante das questões negativas que envolvem a profissão de Serviço Social no que se refere à questão de gênero, foram às mulheres que enormemente contribuíram com o desenvolvimento da profissão que se dedicaram e que enfrentaram grandes desafios e condições não favoráveis para o desenvolvimento e efetivação da profissão.

Na contemporaneidade, são muitos os formados do sexo masculino na profissão de Serviço Social, mas são poucos que estão inseridos no mercado de trabalho. E isso se deve pelo fato de ainda existir na categoria do Serviço Social traços da questão de gênero que existem desde as protoformas do Serviço Social. Discutir sobre a temática dentro do seio da categoria profissional é um importante passo para a quebra de paradigmas em relação à feminização e da questão de gênero no Serviço Social e assim, a inserção de profissionais do sexo masculino no mercado de trabalho para os Assistentes Sociais.

**REFERÊNCIAS**

BROOK, E. e DAVIS, A. **Women, the family and social work**. London: Tavistock Publications, 1985.

CASTELLS, Carme (Comp.). **Perspectivas feministas en teoría política**. Barcelona: Paidós, 1996.

CFESS. **Assistentes Sociais no Brasil**: Elementos para o estudo do perfil profissional. Brasília: CFESS, 2015.

FORTINO, Sabine. **Coexistência dos Sexos**. In: HIRATA, Helena et al. (Org.).

Dicionário crítico do feminismo. São Paulo: Unesp, 2009, p.44-48.

IAMAMOTO, Marilda V. **O Serviço Social na Contemporaneidade**: trabalho e formação profissional. 17 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

IAMAMOTO, Marilda; CARVALHO, Raul. **Relações sociais e serviço social no Brasil**: esboço de uma interpretação histórico-metodológica. São Paulo: Cortez, 2008.

MIRALES, Rosana. **Algumas reflexões sobre gênero e serviço social**. Fazendo Gênero 9 – Diásporas, Diversidade, Deslocamentos, agosto de 2010. Disponível em:http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1275850948\_ARQUIVO\_te toremetido. pdf. Acesso em 04 de Outubro de 2017.

MONTAÑO, Carlos. **A natureza do Serviço Social**: Um Ensaio Sobre sua Gênese, a "especificidade" e sua reprodução. São Paulo, Cortez, 2007.

MOREIRA, Maria Regina de Ávila. **A constituição de gênero no serviço social**: um estudo a partir das manifestações de empregadores e assistentes sociais. 2003. 259 f. Tese. (Doutorado em Serviço Social)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

VELOSO, Renato. No Caminho de uma reflexão sobre Serviço Social e Gênero. In: **Revista Praia Vermelha**. Estudo de Política e Teoria Social. V.2, n 4. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

VERDÈS-LEROUX, Jeannine. **Trabalhador social**: prática, hábitos, ethos, formas de intervenção. São Paulo: Cortez, 1986.

1. Acadêmico do Curso de Bacharelado em Serviço Social no Instituto de Educação Superior Raimundo Sá. E-mail: c.r.f2809@gmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Coordenadora e Docente do Curso de Bacharelado em Serviço Social no Instituto de Educação Superior Raimundo Sá. E-mail: mourajacke@gmail.com [↑](#footnote-ref-2)